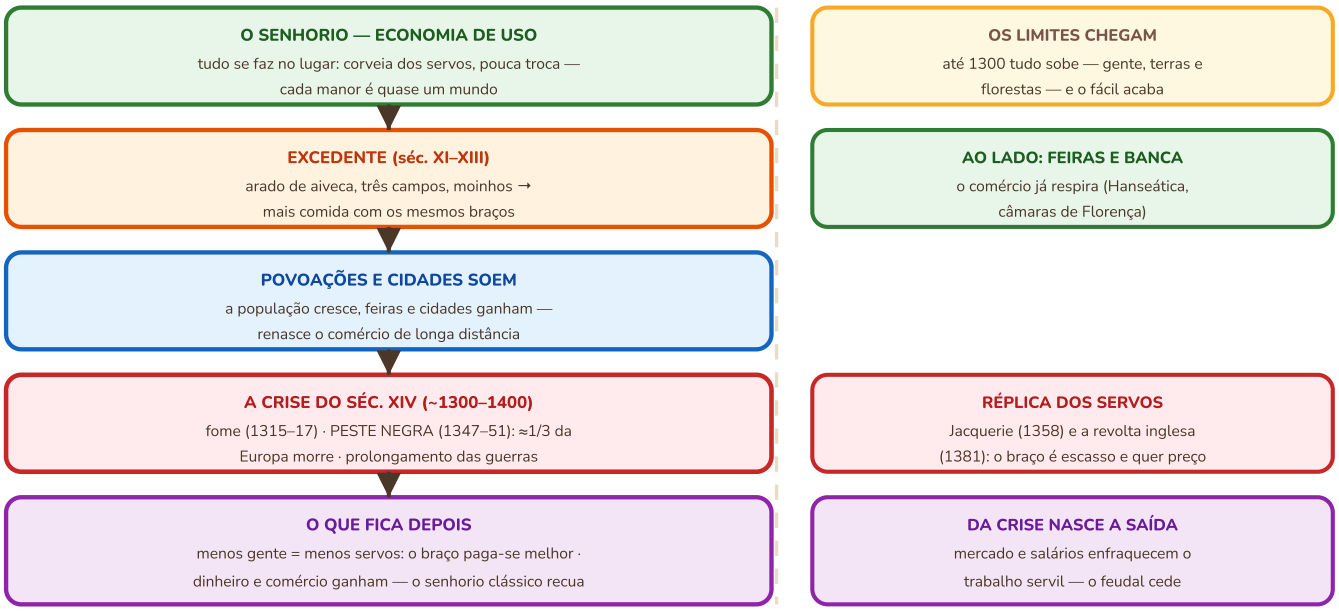
Economia Feudal e Crise do Século XIV — Leitura de Figuras

10.º Ano | História A | 3 páginas | 6 exercícios

Competências que desenvolve: Seguir a cadeia do excedente à crise, reconhecer um fluxograma de retroação e explicar porque é «crise de sistema» e não só de colheitas.

O engrenagem medieval e o corte do séc. XIV — do excedente à crise, e da crise à saída



a economia feudal é um ciclo que a natureza e a peste partem — e a saída (mercado, salários) nasce dentro da própria crise

esquema didático · fome de 1315–17 · peste negra 1347–51 (foco europeu) · valores arredondados

Figura D6 — Economia feudal: excedente, corte de 1300–1400 e a saída para o mercado.

Exercícios

1. A cadeia (Figura D6): as cinco etapas por ordem, com uma frase que explique cada seta.

2. O excedente: a) o que é um excedente? b) Quais as três técnicas da caixa laranja que o criam?

3. A crise: as três pragas do séc. XIV (fome, peste, guerras) — o que cada uma corta na cadeia?

4. A réplica dos servos: porque é que, depois da peste, os camponeses podem pedir mais — e porque isso incomoda os senhores?

5. V/F (Figura D6) — justifica as falsas: a) «A economia feudal é de comércio intenso.» ( ) b) «A peste negra é de 1315.» ( ) c) «Depois da crise, o trabalho servil fica mais forte.» ( )

6. Porquê (5–6 linhas): porque é que os historiadores chamam a isto «crise de sistema» e não «maus anos de colheita»? Usa as duas colunas.

© 2026 Estudantices

Soluções — Economia Feudal e Crise do Século XIV

1. senhorio (economia de uso) → **excedente** (técnicas novas, mais comida) → **povoações e cidades** (população, feiras, comércio) → **crise do séc. XIV** (fome, peste, guerras) → **o que fica depois** (braço escasso, dinheiro e comércio, recuo do senhorio). Cada seta é «e por isso» — e a última é uma retroação: a crise obriga a sair do ciclo antigo.

2. a) excedente é o que **sobra depois de semeado e pago o senhor** — o que permite trocar fora do manor b) da caixa laranja: **arado de aiveca** (terras duras), **rotação de três campos** (menos pousio) e **moinhos** (moer sem braços).

3. Fome (1315–17): corta a colheita e o excedente — a etapa 2 desce **Peste (1347–51):** mata ≈1/3 da Europa — corta braços, campos e cidades (etapa 3) **Guerras prolongadas:** cortam comércio e safras — consomem o que ainda sobrava. As três ao mesmo tempo: a cadeia não desacelera, parte.

4. Porque com **metade da população morta**, os braços tornaram-se escassos: os camponeses são poucos e procurados — e exigem **salário, menos corveia ou liberdade** (as fugas e revoltas: Jacquerie 1358, Inglaterra 1381). Incomoda os senhores porque o senhorio vive do trabalho grátis e do monopólio da terra — a escassez dá poder a quem estava em baixo.

5. a) **F** — a caixa 1 diz «economia de uso», «pouca troca» b) **F** — 1315–17 é a **fome**; a peste é 1347–51 c) **F** — enfraquece: «menos servos, o braço paga-se melhor» (o trabalho livre avança).

6. Porque a peste sozinha não explica tudo: a crise junta **limites do crescimento (coluna direita de cima), ecologia (fome), demografia (peste) e economia (senhorio e comércio)** — e cada parte obriga as outras a mudar. Um mau ano passa; o que muda aqui é o **regime inteiro**: salários sobem, servidão recua, dinheiro e mercado ganham, revoltas reclamam. A saída não vem de fora — nasce dentro da crise (coluna direita): por isso é crise de sistema — o fim de uma forma de organizar a economia, não o fim do trigo.

Nota de correção: fome 1315–17 ≠ peste 1347–51 · depois da peste o servil enfraquece, não reforça.

© 2026 Estudantices